

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Programa de Estudos de América Latina e Caribe

Bolsista: Liana Santos de Carvalho (EIC)

Linha de Pesquisa: Mercosul: a construção de um projeto histórico

Período de Coleta: 01 de fevereiro de 2022 até 28 de fevereiro de 2022

Data da notícia: **03/02/2022**

Título: **Fernández em Moscou: EUA têm grande parte da culpa pela dívida da Argentina**

Fonte pesquisada: <https://operamundi.uol.com.br/arge>

Link da notícia: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/73038/fernandez-em-moscou-eua-tem-grande-parte-da-culpa-pela-divida-da-argentina>

O presidente argentino Alberto Fernández disse nesta quinta-feira (03/02), durante visita oficial à Rússia, que os Estados Unidos são, em grande parte, responsáveis pela dívida externa do país sul-americano. Ele também defendeu que a dependência dos norte-americanos seja reduzida, ao mesmo tempo em que se inicie uma cooperação com os russos.

"A Argentina está passando por uma situação difícil, pois temos uma grande dívida externa, a situação econômica também está difícil", afirmou Fernandez.

Fernández ainda ressaltou que, desde os anos 1990, a Argentina se orientou muito pelos EUA, e a economia do país dependia em grande parte das relações entre Washington e Buenos Aires, adicionando que "a dívida com o FMI também se deve a essas relações".

Na semana passada, a Argentina conseguiu renegociar sua dívida com o Fundo Monetário Internacional, ajustando novos prazos de pagamento para o empréstimo recorde contraído pelo então presidente Mauricio Macri (2015-2019) em 2018. O acordo provocou uma crise interna na coalizão que suporta o governo Fernández: o filho da

vice-presidente Cristina Kirchner, Máximo, renunciou à liderança do bloco partidário governista no Congresso.

Fernández também destacou que a Argentina pode ser a porta de entrada para a Rússia trabalhar na América Latina.

Relações entre Argentina e Rússia

Por sua vez, o presidente russo, Vladimir Putin, afirmou durante encontro com Fernández, que há muito a ser feito para promover a cooperação comercial e econômica entre a Rússia e a Argentina.

"Claro que ainda temos muito a fazer para avançar nossa cooperação comercial e econômica. No ano passado as trocas comerciais cresceram uma vez e meia. É um bom ritmo", afirmou Putin.

Putin observou que há muitas áreas promissoras para avançar na cooperação entre Moscou e Buenos Aires.

"Nossos colegas estão trabalhando: o Ministério da Saúde, o Ministério das Relações Exteriores, outras entidades também seguem trabalhando", declarou. A Argentina foi um dos países que comprou a vacina anticovid Sputnik.

Nesta quinta-feira, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, recebeu Alberto Fernández, presidente da Argentina, que busca apoio de Moscou na disputa com o Reino Unido sobre as ilhas Malvinas

Fernández chegou a Moscou na quarta-feira (02/02) como parte de uma viagem internacional e foi recebido no aeroporto internacional de Vnukovo pelo vice-chanceler russo, Sergei Ryabkov, e pelo embaixador de Buenos Aires em Moscou, Eduardo Zuaín.

O objetivo da viagem, explicou o presidente na semana passada, é aprofundar os laços de amizade e poder avançar no acordo estratégico que existe entre os dois países. Fernández segue ainda nesta quinta para Pequim.

Data da notícia: **04/02/2022**

Título: **Argentina tenta equilibrar soberania e crescimento econômico em acordo com FMI**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/04/argentina-tenta-equilibrar-soberania-e-crescimento-economico-em-acordo-com-fmi>

Se o assunto predominante na Argentina nos últimos tempos não é outro que o acordo do governo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o tema ganhou novas cores desde a última sexta-feira (28). Na manhã daquele dia, o país amanheceu com a notícia de que a Casa Rosada havia finalmente chegado a um cronograma e as regras para pagar a dívida de US\$ 45,5 bilhões deixada pelo governo de Mauricio Macri. A resolução do impasse com o organismo internacional era um objetivo da coalizão governista, a *Frente de Todos* (FdT), desde o início do mandato de Alberto Fernández em dezembro de 2019, que busca um acordo que não comprometa a população e submeta o país às frequentes exigências de austeridade fiscal impostas pelo FMI.

No entanto, fica a dúvida: como é possível que um país com os níveis de inflação e desvalorização da moeda como a Argentina pode conseguir pagar a dívida, os juros e ainda crescer? O **Brasil de Fato** ouviu especialistas no país em busca de reflexões que ajudem a pintar esse complexo panorama.

O plano

Dividido em quatro blocos, o princípio de acordo ainda precisa ser aprovado pelo Congresso antes de entrar em vigor. O Ministro da Economia, Martín Guzmán, apresentou a parte técnica do que Fernández disse horas antes ser a perspectiva de futuro que o acordo possibilita para a Argentina. Mesmo sem o conhecimento público da “letra pequena” das condições do Fundo, especialistas em economia avaliam ser um acordo amplamente cumprível com as possibilidades da Argentina.

Em síntese, o acordo consiste em um recomeço do pagamento do que ainda resta da dívida, com uma espécie de intervalo até 2026, quando a dívida de US\$ 44,5 bilhões começaria a ser paga, até quitá-la em 2034.

Conflito interno

Após o anúncio, a ala kirchnerista do bloco FdT vibrou pelo seu silêncio. Dias depois, Máximo Kirchner renunciou por carta à presidência do bloco no Congresso. “Abro

espaço para alguém que acredite no acordo com o Fundo”, disse o filho da vice-presidenta Cristina Kirchner.

Além dos desentendimentos próprios de uma grande coalizão que abarca diferentes vertentes do peronismo como é a FdT, os posicionamentos críticos ao acordo com o FMI – e, em consequência, à postura por vezes muito moderada de Fernández — preveem um inevitável ajuste fiscal imposto pelo organismo internacional.

Neste sentido, o economista Horacio Rovelli, que foi funcionário do Ministério da Economia de Raúl Alfonsín (1983-1989), destaca a presença dos fundos de investimento — que prefere chamar de capital financeiro internacional. “O acordo subordina o poder econômico local ao capital financeiro internacional, representado pelo FMI. A participação mais importante no Fundo é a dos Estados Unidos, onde estão os chamados fundos de investimento BlackRock, Franklin Templeton; os mesmos fundos que ficaram com as principais empresas argentinas”, destacou, em entrevista ao Barricada TV.

Onde estão os dólares?

Os críticos afirmam que a dívida da Argentina com o FMI foi destinada, parcialmente, para a fuga de capitais e, por outra parte, para o pagamento de credores privados, que também retiraram os dólares do país. Parte da sociedade e da camada política mais à esquerda defendem a suspensão do pagamento.

A Argentina já pagou US\$ 5,1 bilhões ao FMI, valor que será devolvido no programa acordado com o governo Fernández. Para enfrentar os pagamentos ao longo de 2021, o principal suporte foi a emissão monetária, que pressionou a alta de inflação, um ponto já frágil na economia argentina. Com o acordo, o governo planeja aumentar a arrecadação com a retirada de subsídios recebidos pela população mais rica (ainda que não tenha ficado claro como será feita essa classificação) e apostar no investimento público, na ciência e tecnologia e em fortalecer o setor privado para aumentar a receita e as reservas do Tesouro.

Além da emissão de moeda, outro suporte para equilibrar a situação social e econômica do país foi o Aporte Extraordinário às Grandes Fortunas, um imposto único de 2% dos bens declarados da camada mais rica da Argentina. Mesmo sendo um pagamento único e de baixa porcentagem, a lei gerou grande revolta no setor contribuinte.

“Há uma percepção de que na Argentina faltam dólares, mas isso não é verdade”, destaca Laura Testa, economista do Grupo Bicentenário. “O que acontece é que os

dólares não aparecem, o que é diferente. Temos uma fuga de dólares aproximada à metade do nosso Produto Interno Bruto (PIB). Produzimos alimentos para 400 milhões de pessoas, e em um país com 45 milhões, como pode ser que pessoas passem fome”, reflete. “Não somos um país pobre, mas temos um problema de redistribuição muito grande.”

Equilibrar as contas

O déficit fiscal consiste, basicamente, na diferença negativa nas contas do Estado, quando os gastos e créditos são maiores que os ingressos. Economista e mestre em relações internacionais, Ricardo Aronskind alega ser difícil desvincular a redução do déficit fiscal do impacto negativo sobre a população.

“Habitualmente, todos os ajustes [para redução do déficit fiscal] vêm com redução do gasto público, do investimento, castiga o emprego. Mas, teoricamente, o governo poderia fazer outras coisas, como combater a evasão impositiva. Por exemplo, parte da colheita agrícola sai pelo Paraguai, pelos portos do Rio Paraná que o Estado não controla; o mesmo acontece com o setor da mineração, gás, petróleo. Temos um Estado tonto que não controla, não regula e não arrecada.”

Mover tamanha estrutura do poder implicaria, novamente, um enfrentamento por parte do governo, algo que foge das características da administração Alberto Fernández – e estaria mais na linha do estilo afrontoso da vice Cristina Kirchner. O acordo anunciado com o Fundo deve ser, então, lido com essas mesmas lentes.

Data da notícia: **05/02/2022**

Título: **Justiça por Moïse: milhares de manifestantes protestam contra assassinato de refugiado congolês**

Fonte pesquisada: <https://operamundi.uol.com.br>

Link da notícia: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/73098/justica-por-moise-milhares-de-manifestantes-protestam-contr-a-assassinato-de-refugiado-congoles>

Cartazes com os dizeres “vidas negras importam”, “justiça por Moïse” e “imigrantes importam”, milhares de manifestantes ocuparam as ruas de diversas cidades brasileiras neste sábado (05/02), para cobrar justiça pelo assassinato do congolês Moïse

Kabagambe, morto no último dia 24, no Rio de Janeiro. O ato foi organizado por comunidades de imigrantes, coletivos, movimento negro e movimentos populares.

Moïse Kabagambe foi espancado por três homens no quiosque Tropicália onde trabalhava, na Barra da Tijuca, zona oeste da capital fluminense. Ele havia ido cobrar o pagamento de diárias atrasadas por serviços prestados ao estabelecimento, segundo relato de familiares. O caso ficou aproximadamente uma semana sem grandes repercussões.

Porém, após denúncia de familiares, movimentos populares convocaram um ato unificado e nacional para denunciar o racismo, xenofobia e a violência, explícitos no caso, com o mote "#JustiçaPorMoïse". Ocorreram mobilizações no Rio de Janeiro, local do crime, e em São Paulo, Recife, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte, Maranhão, Rio Grande do Norte e no Distrito Federal.

No Rio, o ato se concentrou em frente ao quiosque Tropicália, onde Moïse foi assassinado, e reuniu familiares de Moïse e dezenas de organizações defensoras dos direitos humanos e do movimento negro.

Durante o protesto a prefeitura da cidade anunciou que transformará o quiosque em um estabelecimento voltado para a cultura africana. A proposta é que o local seja administrado pela família de Moïse e se transforme num reduto de empregos para refugiados.

Em São Paulo, que concentra um grande contingente de refugiados e imigrantes, os manifestantes se reuniram no vão livre do Museu de Arte de São Paulo (Masp), na Avenida Paulista. Pelo menos 2 mil pessoas estiveram presentes, segundo a Coalizão Negra por Direitos, uma das organizadoras do ato.

Participaram membros de comunidades angolanas e congolezas, que cobraram segurança e garantia de direitos para imigrantes. Em discursos, eles denunciaram o racismo, o desemprego e a violência como principais obstáculos para reconstruir a vida no Brasil.

“Esse caso teve um impacto internacional. Todas as nações perceberam que o que houve é uma barbaridade muito grande com o nosso irmão congolês aqui no Brasil”,

lamentou o imigrante congolês Daniel, que vive em São Paulo e participou da manifestação.

O cantor e compositor Chico César também endossou o ato e destacou a importância do levante na luta contra o racismo. "Se não fosse o movimento popular e a internet, não haveria essa mobilização. Grande parte da mídia silenciou este caso, que mais do que brasileiro, é internacional. Ele envolve um imigrante, uma pessoa que é recebida em um país que não é o dela. E esse país tem a responsabilidade de cuidar dessas pessoas".

Por volta das 13h30, a mobilização saiu em marcha pela Avenida Paulista, com o objetivo de chegar até a praça da República, na região central da cidade, que concentra grande parte da comunidade africana em São Paulo. Antes de alcançar a Rua da Consolação, a Polícia Militar impediu o protesto de seguir.

Depois de tentativas frustradas de negociação e do aumento do contingente policial, os manifestantes optaram por dispersar. Parte deles, no entanto, deu meia volta e seguiu caminhando em uma das vias da av. Paulista. O grupo foi cercado por oficiais da polícia em frente ao Masp. O grupo protestou entoando as palavras de ordem: "não acabou, tem que acabar, eu quero o fim da Polícia Militar". Não houve confronto.

Repercussão Internacional

A Coalizão Negra por Direitos, que reúne mais de 20 entidades e coletivos, denunciou o caso de Moïse Kabagambe à Organização das Nações Unidas (ONU). Por meio do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), a organização internacional afirmou que pedirá investigações sobre o crime no Brasil.

Em Brasília, a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados avalia fazer diligências no local para investigar se houve crime de racismo e xenofobia.

Em 2021, o Brasil registrou 29,4 mil solicitações de refúgio, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). A maioria dos pedidos são de pessoas da Venezuela, seguidos por Angola, Haiti e Cuba. Até o final de 2021, pelo menos 1 milhão de imigrantes já residiam no Brasil, segundo levantamento feito pelo Observatório das Migrações (OBmigra).

Data da notícia: **07/02/2022**

Título: **Cidade do Rio vai transformar em memorial quiosque onde Moïse foi morto**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/07/cidade-do-rio-vai-transformar-em-memorial-quiisque-onde-moise-foi-morto>

A Prefeitura do Rio de Janeiro anunciou nesse sábado (5) que os quiosques Tropicália e Biruta, próximos aos quais o congolês Moïse Kabagambe, de 24 anos, foi brutalmente assassinado, serão transformados em um memorial em homenagem à vítima e em alusão à cultura africana. A gestão de um dos espaços, na Barra da Tijuca, será oferecida à família de Moïse.

O anúncio foi feito pelo secretário de Fazenda e Planejamento do Rio de Janeiro, Pedro Paulo, e confirmado pelo prefeito, Eduardo Paes. A ideia é que os dois quiosques empreguem refugiados africanos.

"A transformação do local busca ser uma reparação à família, uma oportunidade de inserção socioeconômica de refugiados, além de um ponto de transmissão da cultura africana", disse Pedro Paulo no Twitter.

Segundo ele, o memorial representará "uma lembrança para que não seja fácil esquecer e que jamais se repita a barbárie que o vitimou".

"O que aconteceu foi algo brutal, inaceitável e que não é da natureza do Rio. É nosso dever ser uma cidade antirracista, acolhedora e comprometida com a justiça social", escreveu no Twitter.

Foto em memória de Moïse

O projeto será desenvolvido em parceria com a concessionária Orla Rio, que administra os quiosques na região, e deve ser executado o mais brevemente possível. No entanto, uma data ainda não foi divulgada.

Está prevista, também, a instalação de um painel entre os dois quiosques, com a foto de Moïse. Segundo a prefeitura, o novo layout do local e a montagem do memorial ficarão a cargo de profissionais negros. Além disso, Sesc e Senac vão oferecer capacitação aos trabalhadores dos quiosques para atuar no setor de alimentação.

No futuro, o local também poderá sediar exposições de arte, apresentações musicais típicas e feiras de artesanato.

A prefeitura do Rio de Janeiro informou que o contrato de concessão com os atuais operadores dos dois quiosques está atualmente suspenso, enquanto ocorrem as investigações do crime.

Caso comprovado que os atuais operadores não têm relação com o assassinato, será discutida a transferência deles para outro espaço. Do contrário, eles terão as licenças canceladas.

Moïse foi espancado até a morte em frente ao quiosque Tropicália no dia 24 de janeiro. Três homens foram presos suspeitos do crime - um deles era funcionário do quiosque Biruta.

Data da notícia: **08/02/2022**

Título: **'Racismo não é liberdade de expressão', diz organização judaica após fala antissemita de Monark; veja repercussão**

Fonte pesquisada: <https://operamundi.uol.com.br>

Link da notícia: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/73147/racismo-nao-e-liberdade-de-expressao-diz-organizacao-judaica-apos-fala-antissemita-de-monark-veja-repercussao>

“Racismo e perseguições não são liberdades de expressão”, declarou o coletivo Judeus Pela Democracia nesta terça-feira (08/02) em repúdio às declarações antissemitas feitas por Bruno Aiub, conhecido como Monark, apresentador do *Flow Podcast*.

Em uma transmissão desta segunda-feira (07/02), o apresentador disse defender a existência de um partido nazista no Brasil, “reconhecido por lei”, durante uma entrevista com os deputados federais paulistas Kim Kataguirí (Podemos) e Tabata Amaral (PSB).

A organização apontou ainda que o nazismo “é contra a existência não só de judeus, mas de todos os ‘diferentes’”. Para eles, seria necessário a intervenção do Sleeping Giants, movimento que pressiona patrocinadores de sites e plataformas que repercutem discursos de ódios e desinformação.

"Ideologias que visam a eliminação de outros têm que ser proibidas. Racismo e perseguições a quaisquer identidades não são liberdade de expressão", disse o Judeus Pela Democracia.

O coletivo também direcionou sua crítica ao deputado Kataguiri, que defendeu que a Alemanha teria errado ao criminalizar o nazismo em 1945.

Confederação Israelita do Brasil

Por sua vez, a Confederação Israelita do Brasil (CONIB) reforçou o repúdio por meio de uma nota condenando a defesa da "existência de um partido nazista" no Brasil.

Assim como rejeitaram o "direito de ser antijudeu", como dito por Monark em uma transmissão nesta segunda.

"O nazismo prega a supremacia racial e o extermínio de grupos que considera 'inferiores'", destacou a CONIB, afirmando ainda que "sob a liderança de Hitler, o nazismo comandou uma máquina de extermínio no coração da Europa que matou 6 milhões de judeus inocentes e também homossexuais, ciganos e outras minorias".

"O discurso de ódio e a defesa do discurso de ódio trazem consequências terríveis para a humanidade, e o nazismo é sua maior evidência histórica", concluiu a organização.

Museu do Holocausto

Localizado em Curitiba, o Museu do Holocausto, que se dedica à "educação, memória e pesquisa" sobre o tema, lembrou que o apresentador do *Flow Podcast* já apresentou outras declarações que vão na contramão da liberdade de expressão, como em 2020, quando Monark disse que conversaria "sem problemas" com Hitler.

O espaço escreveu que convida o apresentador a visitar o museu para que ele perceba que "o nazismo foi muito além de pessoas exercendo, em suas palavras, o 'direito de serem idiotas'".

"[Monark] aprenderá que o Partido Nazista refletia uma pequena minoria e que, por ter suas ideias de supremacia e extermínio consentidas, pôde crescer e perpetrar o

Holocausto”, disse o Museu do Holocausto, afirmando que o “indivíduo e suas liberdades, direitos e deveres não existem fora da sociedade”.

Perda de patrocínios e desligamento

Na manhã desta terça-feira, a empresa Flash Benefícios anunciou que vai solicitar o encerramento formal da relação contratual com o *Flow*. De acordo com comunicado publicado no Instagram, os donos da marca têm família de origem judaica.

Já a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro, apoiadora de um quadro do programa, o Flow Sport Club, anunciou no início da tarde o rompimento da parceria para transmissões esportivas. A entidade afirmou ser “contrária a qualquer tipo de preconceito”.

O Flow Podcast também se pronunciou sobre o ocorrido por meio das redes sociais, comunicando o desligamento de Monark e a retirada do episódio 545, desta segunda, do ar.

Monark, por sua vez, publicou um vídeo dizendo que foi insensível com a "comunidade judaica" e que estava bêbado no momento em que fez as declarações. "Peço um pouco de compreensão, foram quatro horas de conversa, eu estava bêbado, e errei", declarou.

Data da notícia: **09/02/2022**

Título: **Famílias, barracas e recém-desempregados: cresce novo perfil em situação de rua na pandemia**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/09/familias-barracas-e-recem-desempregados-cresce-novo-perfil-em-situacao-de-rua-na-pandemia>

Glauccielle Martine e Almir Marques vivem desde setembro de 2021 dentro de uma barraca, no marco zero da cidade de São Paulo. O aluguel de R\$ 500 que pagavam por um quarto no Parque Dom Pedro ficou inviável depois que o preço do combustível disparou, e as corridas que Almir fazia, como motorista de aplicativo, estavam deixando o bolso mais vazio do que cheio.

Segundo levantamento de dezembro de 2021 feito pela prefeitura de São Paulo, a população de rua da capital paulista chegou a 31.884 pessoas naquele ano, sendo 7.540 pessoas a mais em relação a 2019, o que representa um aumento de 31%.

Entre as milhares de pessoas que passaram a viver nas praças e calçadas da cidade de São Paulo durante a pandemia de covid-19, o casal é exemplo do que vem se chamando de um novo perfil da população em situação de rua. São aqueles que estão nessa condição pela primeira vez, muitas vezes com família e vivendo em barracas.

Aos 37 anos, Glaucielle conta que trabalhava com reciclagem de papelão, mas viu seu serviço desvalorizar ao mesmo tempo em que a inflação escalou preços de itens básicos de sobrevivência, como os alimentos. "Enquanto estava R\$ 1 o quilo do papelão, a gente conseguia pagar o quarto. Aí o papelão caiu para R\$ 0,40. Ou pagava aluguel, ou comia", relata.

Censo 2021 da população de rua

O censo da população em situação de rua em São Paulo foi encomendado pela gestão do prefeito Ricardo Nunes (MDB) para a empresa Qualitest Ciência e Tecnologia e divulgado no final de janeiro.

A pesquisa aponta que, de 2019 para cá, o número de barracas pelas ruas aumentou 330%. Antes da pandemia, eram 20% as pessoas que informavam viver nas ruas junto com membros familiares. No fim de 2021, o percentual foi para 28,6%.

Grupos que atuam nesse tema há décadas — a exemplo da Pastoral do Povo de Rua, encabeçada pelo padre Julio Lancellotti, e do Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) — contestam a metodologia do censo e afirmam que seu resultado está subnotificado.

O rapa

Todos os dias, Glaucielle e Almir armam sua barraca ao entardecer. Às 4h, eles e todos seus vizinhos já desmontam, antes que chegue a zeladoria da prefeitura, popularmente chamada de "rapa".

Os relatos colhidos pela reportagem na praça da Sé foram unânimes: quem não guardar seus pertences ainda antes de o sol nascer corre sério risco de perdê-los.

Um posicionamento da prefeitura a respeito da prática foi requisitado, mas até o momento não houve resposta.

Em um vídeo enviado ao Brasil de Fato, agentes da gestão municipal aparecem retirando e levando embora colchões e cobertores, em uma das ações que fazem diariamente.

Almir é uma das mais de 25 milhões de pessoas no Brasil que pegaram covid-19. "O rapa não me permitiu ficar isolado para não transmitir para as outras pessoas. No terceiro dia em diante, já tive que ficar desmontando barraca e ficar circulando", relata.

Tem de circular, mas não para muito longe. "A gente não sai daqui, da praça. Não consegue por causa do pessoal do rapa, né? Que tem gente aí que fala que é a zeladoria, mas aqui é o rapa. Então não tem como", descreve. "Tem o plantão ruim que chega e já leva, leva barraca, roupa, leva tudo", complementa.

A busca por trabalho

Assim, o casal se reveza quando um deles precisa se afastar da Sé para, por exemplo, procurar emprego. "Eu distribuí bastante currículo aqui, mas não tive sucesso ainda", diz Glaucielle, que é natural de Ponta Grossa (PR) e chegou a São Paulo em junho do ano passado.

De acordo com o IBGE, atualmente a soma das pessoas desempregadas (12,6% da população brasileira) com as desalentadas, que são aquelas que já nem buscam trabalho, equivale a 18,6 milhões.

Segundo o levantamento da prefeitura de São Paulo entre a população em situação de rua, 42,8% estão sem trabalho. Outros 33,9% estão vivendo de bicos, 3,9% têm emprego sem registro em carteira e 2,2% trabalham registrados. Antonio faz parte da parcela de 16,7% que trabalha por conta própria.

Data da notícia: **10/02/2022**

Título: **Brasil tem piora em ranking de democracia da "Economist"; revista põe Bolsonaro entre 'populistas não liberais' da América Latina**

Fonte pesquisada: <https://g1.globo.com>

Link da notícia: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2022/02/10/brasil-cai-em-ranking-de-democracia-da-economist-revista-poe-bolsonaro-entre-populistas-nao-liberais-da-america-latina.ghtml>

O Brasil teve uma piora de pontuação no ranking anual que a revista “The Economist” produz sobre a democracia nos países do mundo. A pontuação caiu de 6,92, em 2020, para 6,82, em 2021.

O “Índice da Democracia” existe desde 2006. O relatório levanta dados sobre 165 países.

A região da América Latina teve a maior queda de desempenho de todos os tempos — para a revista, a pandemia piorou uma tendência de autoritarismo que já existia nos países latino-americanos e “abriu espaço para o crescimento de populistas não liberais, como Jair Bolsonaro, do Brasil”.

Para a revista, os ataques às instituições democráticas nos países da América Latina aumentaram em 2021.

O relatório tem um parágrafo sobre o presidente Jair Bolsonaro (PL): “O presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, exigiu a renúncia de dois membros do Supremo Tribunal Federal após a investigação de pessoas de grupos pró-Bolsonaro estariam espalhando mentiras. Ele ainda questionou a integridade do sistema eletrônico de votação, apesar de não haver nenhuma evidência de fraude. Bolsonaro ainda disse que iria ignorar os resultados das eleições presidenciais e legislativas de 2022, comentários que ele, posteriormente, retirou. Bolsonaro deverá continuar com seus ataques às instituições democráticas e enfraquecer a confiança na integridade eleitoral até as eleições em outubro de 2022, especialmente porque as pesquisas de intenção de votos mostram que ele está atrás do ex-presidente Lula (PT).”

O pior desempenho do Brasil é no item “Funcionamento do Governo”, no qual a nota do Brasil foi 5,36. O melhor aspecto da democracia brasileira, para a revista, é o processo eleitoral e o pluralismo (9,58).

Piora da América Latina

A região da América Latina como um todo teve a sexta piora seguida. A queda de pontuação foi a maior para uma região desde o primeiro ranking, publicado em 2006.

Para a “Economist”, a cultura política da região se degradou.

Cinco países foram rebaixados de categoria:

- Chile: era uma “democracia plena” e foi classificado como “democracia problemática”;
- Equador, México e Paraguai era “democracias problemáticas” e passaram a ser “regimes híbridos”;
- Haiti passou a ser “regime autoritário”;
- A Nicarágua caiu 20 lugares no ranking global

Data da notícia: **11/02/2022**

Título: **Tribunal de Haia recebe relatório da CPI da Covid contra Bolsonaro**

Fonte pesquisada: <https://operamundi.uol.com.br>

Link da notícia: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/73208/tribunal-de-haia-recebe-relatorio-da-cpi-da-covid-contra-bolsonaro>

O Tribunal Penal Internacional (TPI), localizado em Haia, nos Países Baixos, recebeu nesta quinta-feira (10/02) o relatório final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado sobre a covid-19, que acusou o presidente Jair Bolsonaro de crimes contra a humanidade. A partir de agora, a corte internacional vai analisar a documentação para decidir se abre ou não um procedimento contra os citados no relatório. Não há prazo para essa averiguação.

Segundo o senador Randolfe Rodrigues (Rede-AP), que foi vice-presidente da CPI, o documento havia sido traduzido para o inglês e enviado ao tribunal no fim de janeiro. Agora, o político recebeu por e-mail a confirmação do recebimento.

Além de Haia, o documento final foi encaminhado para diversos órgãos do poder judiciário no país, como o Supremo Tribunal Federal (STF), o Tribunal de Contas da União (TCU) e a Procuradoria-Geral da República (PGR).

Finalizado em 26 de outubro do ano passado após seis meses de investigações e depoimentos, o relatório da CPI da Covid pediu o indiciamento de 78 pessoas e duas empresas.

Contra o presidente, foram apontados 10 crimes: epidemia com resultado de morte, infração de medida sanitária preventiva, charlatanismo, incitação ao crime, falsificação de documento particular, emprego irregular de verbas públicas, prevaricação, crimes contra a humanidade nas modalidades de extermínio, perseguição e outros atos desumanos, violação do direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo.

Além de Bolsonaro, também foram apontados crimes contra a humanidade - escopo de Haia - contra o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello, o ministro-chefe da Secretaria

Geral da Presidência, Onyx Lorenzoni, e a secretária de Gestão do Trabalho e da Educação do Ministério da Saúde, Mayra Pinheiro.

Entre os profissionais de saúde, quatro médicos foram acusados desse tipo de crime pelo relatório - Carla Guerra, Rodrigo Esper, Fernando Okinawa e Flávio Cadegiani - e dois executivos da Prevent Senior - o dono, Eduardo Parillo, e o diretor-executivo Pedro Benedito Batista Júnior.

Data da notícia: **13/02/2022**

Título: **Entrada da Argentina na nova rota da seda levanta desafios sobre integração regional com a China**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/13/entrada-da-argentina-na-nova-rota-da-seda-levanta-desafios-sobre-integracao-regional-com-china>

A Argentina é a primeira grande economia da América Latina a aderir ao projeto desenvolvimentista chinês conhecido como a Nova Rota da Seda. Em Pequim, o chanceler argentino, Santiago Cafiero, assinou o Memorando de Entendimento que concretiza a intenção, anunciada no ano passado, de adesão ao programa.

Assim, o gigante asiático soma uma peça-chave no megaprojeto de investimento em infraestrutura de escala global — considerando que, na região, Brasil, México e Colômbia ainda não aderiram. Por outro lado, o pacto abre novos horizontes para a Argentina, um país com sua política econômica atravessada pelas regras impostas pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) após sucessivos empréstimos

A Nova Rota da Seda chinesa

O nome é uma referência à antiga Rota da Seda, como foi chamada a chegada comercial chinesa em diferentes países europeus através da Ásia Central durante as dinastias Han (206 a.C. a 220 d.C.) e Tang (618 a 907). Em sua versão contemporânea, os países-sócios do projeto chinês recebem financiamento em infraestrutura e firmam acordos de cooperação em economia, saúde, cultura, ambiente, entre outros.

“É um projeto impulsionado pela China que foi se modificando em conteúdo e objetivos”, explica Santiago Notarfrancesco, especialista em estudos da China Contemporânea. “Hoje, é uma iniciativa que implica um forte financiamento em obras de infraestrutura e, quanto mais países aderem, torna-se também um projeto de governança global, não centrado em países ocidentais.”

Com a entrada da Argentina, a Nova Rota da Seda soma 145 países integrantes, sendo a maioria (44) da África, 42 da Ásia, 29 da Europa, 20 da América Latina e o Caribe e 10 da Oceania.

Apesar de demonstrar interesse durante a visita à China em 2019, o vice-presidente Hamilton Mourão adiantou nesta quarta-feira (9) que o governo brasileiro “não precisa estar na Rota da Seda”. “Temos uma parceria estratégica com a China em que os investimentos já estão contemplados”, afirmou Mourão ao Valor Econômico.

“É um desafio melhorar nosso intercâmbio com a China, e progressivamente agregar valor ao que exportamos de maneira local”, pontua Notarfrancesco. Para o pesquisador, a China pode ser um parceiro-chave para a América Latina desde que exista uma integração entre os países da região.

A Nova Rota da Seda chinesa

O nome é uma referência à antiga Rota da Seda, como foi chamada a chegada comercial chinesa em diferentes países europeus através da Ásia Central durante as dinastias Han (206 a.C. a 220 d.C.) e Tang (618 a 907). Em sua versão contemporânea, os países-sócios do projeto chinês recebem financiamento em infraestrutura e firmam acordos de cooperação em economia, saúde, cultura, ambiente, entre outros.

“É um projeto impulsionado pela China que foi se modificando em conteúdo e objetivos”, explica Santiago Notarfrancesco, especialista em estudos da China Contemporânea. “Hoje, é uma iniciativa que implica um forte financiamento em obras de infraestrutura e, quanto mais países aderem, torna-se também um projeto de governança global, não centrado em países ocidentais.”

Com a entrada da Argentina, a Nova Rota da Seda soma 145 países integrantes, sendo a maioria (44) da África, 42 da Ásia, 29 da Europa, 20 da América Latina e o Caribe e 10 da Oceania.

Apesar de demonstrar interesse durante a visita à China em 2019, o vice-presidente Hamilton Mourão adiantou nesta quarta-feira (9) que o governo brasileiro “não precisa estar na Rota da Seda”. “Temos uma parceria estratégica com a China em que os investimentos já estão contemplados”, afirmou Mourão ao Valor Econômico.

“É um desafio melhorar nosso intercâmbio com a China, e progressivamente agregar valor ao que exportamos de maneira local”, pontua Notarfrancesco. Para o pesquisador, a China pode ser um parceiro-chave para a América Latina desde que exista uma integração entre os países da região.

Data da notícia: **15/02/2022**

Título: **Bolsonaro na Rússia é tentativa tardia de recuperar diplomacia brasileira, dizem pesquisadores**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/15/bolsonaro-na-russia-e-tentativa-tardia-de-recuperar-diplomacia-brasileira-dizem-pesquisadores>

Ao contrariar os Estados Unidos e manter viagem oficial à Rússia durante a maior crise de segurança na Europa nas últimas décadas, o presidente Jair Bolsonaro (PL) tenta mudar sua política externa, afirmam pesquisadores ouvidos pelo Brasil de Fato. O plano, todavia, chega tarde e não é suficiente para reverter o desgaste criado ao longo de seu governo.

Em Moscou, o presidente brasileiro encontrará seu homólogo russo, Vladimir Putin, na quarta-feira (16). Ele também tem agenda prevista na Duma, a Câmara baixa do Parlamento russo, e reunião com empresários.

A viagem foi marcada ainda em 2021, mas ganhou novos contornos com a escalada da tensão entre Ucrânia e Rússia. A Casa Branca argumenta sem trazer evidências que os militares russos podem atacar a qualquer momento e, junto com Japão, Holanda e Coreia do Sul, pediram que seus cidadãos abandonem a Ucrânia.

O Kremlin nega qualquer intenção bélica na disputa que também envolve os limites da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a venda de gás russo para a Europa e a situação de áreas rebeldes pró-Rússia que estão em guerra civil na Ucrânia.

Washington fez pressão para que a viagem fosse cancelada e relatos surgiram na imprensa brasileira de que a Casa Branca transmitiu o recado de que a visita poderia implicar uma chancela brasileira às políticas russas.

Bolsonaro, e seu Ministério das Relações Exteriores, não cederam. Pelo contrário, fontes do governo afirmaram, sem se identificar, ao jornal O Globo que um dos objetivos é justamente mostrar que o Brasil não é um “pau mandado” do presidente dos EUA, Joe Biden, e demonstrar não ser “submisso”. O Itamaraty, afirma a publicação, acredita que a ideia é abrir um caminho de diálogo entre os presidentes

“Brasil é Brasil. Rússia é Rússia. Faço um bom relacionamento com o mundo todo”, disse Bolsonaro no dia 3 de fevereiro. “Se Biden me convidar, estarei nos EUA com o maior prazer”.

Tarde demais, dizem pesquisadores

O professor de política internacional da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Paulo Velasco, avalia que o episódio demonstra uma tentativa de “voltar às práticas mais tradicionais da nossa diplomacia” após anos de alinhamento automático com o então presidente Donald Trump.

“Aquele período de convergência absoluta com o governo Trump marca um desvio de rota no que é a tradição do Brasil em termos de política externa. O Brasil, pelo menos desde anos 60, busca assumir uma postura internacional mais autônoma conforme o que entende como sendo o seu interesse nacional”, analisa o pesquisador.

Bolsonaro repetiu o coro de Trump de que as eleições que o afastaram da Casa Branca teriam sido fraudadas e demorou mais de seis semanas para reconhecer publicamente a vitória de Biden. Além do episódio, no período o Brasil também se alinhou com Washington em questões estratégicas da diplomacia mundial, como a disputa em torno do 5G e o uso de tecnologia chinesa.

Os filhos do presidente se empenharam publicamente na defesa de Trump e o ex-ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, chegou a escrever que o ex-presidente dos EUA seria responsável por “salvar o Ocidente” e atacou a China com teorias da conspiração.

Para Velasco, com o afastamento de Araújo e a posse de um novo ministro, Carlos França, a diplomacia brasileira “passa um pouco menos de vergonha”, mas o esforço não é suficiente para reverter os estragos dos últimos anos.

“A nossa diplomacia tem sido um desastre desde que começou o governo Bolsonaro. Acho que é um pouco tarde demais para, no último ano de governo, caso não seja reeleito, ele tentar de fato reassumir uma posição mais pragmática e autônoma. Acho que a comunidade internacional continua enxergando, claro, a política externa do Brasil, do governo Bolsonaro, como uma política externa inconsistente, falha, errática, caótica. Falta a ela uma lucidez, uma coerência”, diz o professor da Uerj

Viagem interessa ao agronegócio

A Rússia é a maior fornecedora de adubos e fertilizantes químicos ao agronegócio brasileiro. Em 2021, os russos venderam US\$ 3,5 bilhões do material ao Brasil, o que se refere a 23,3% do total do mercado de importações do setor no país, à frente de China (14%) e Marrocos (11%).

Ainda no setor de fertilizantes, o grupo russo Acron comprou a Unidade de Fertilizantes Nitrogenados (UFN3) da Petrobras, em Três Lagoas, no Mato Grosso. A compra foi anunciada nos primeiros dias de fevereiro deste ano.

O agronegócio também tem uma participação relevante na pauta de exportações do Brasil à Rússia. Em 2021, os três produtos que o Brasil mais vendeu para os russos foram soja (22%), carnes de aves (11%) e café não torrado (8,4%).

“Uma das razões é garantir que o agronegócio brasileiro continue tendo acesso a esses fertilizantes da Rússia. Se ele não tiver esses fertilizantes em preço bom, o agronegócio vai ter que começar a comprar de outros fornecedores e vão ter que pagar mais caro. E isso é uma diminuição de lucro do pessoal do agronegócio”, diz Oliveira.

Data da notícia: **16/02/2022**

Título: **Putin recebe Bolsonaro por protagonismo internacional e cálculo diplomático**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/16/putin-recebe-bolsonaro-por-protagonismo-internacional-e-calculo-diplomatico>

O presidente Jair Bolsonaro (PL) se reuniu com seu homólogo russo, Vladimir Putin, nesta quarta-feira (16) em visita oficial a Moscou. A viagem foi marcada por controvérsia e pressão dos EUA sobre o Brasil em meio à crise entre a Rússia e o Ocidente em torno da fronteira ucraniana.

A reunião foi centrada em assuntos como a coordenação da política externa em plataformas multilaterais, principalmente na ONU e em seu Conselho de Segurança, no qual o Brasil participa em 2022-2023, bem como no BRICS e no G20.

Bolsonaro declarou que sua visita a Moscou é um sinal para o mundo inteiro de que as relações bilaterais entre Brasil e Rússia têm boas perspectivas. Putin, por sua vez, destacou que o Brasil é o principal parceiro comercial e econômico da Rússia na América Latina e defendeu a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Risco diplomático?

Os preparativos da viagem foram marcados pela pressão dos Estados Unidos pelo cancelamento da agenda, em uma tentativa de isolar a Rússia diante da crise diplomática em meio à escalada da tensão na Ucrânia.

Ao comentar o possível desgaste diplomático que o Brasil poderia ter com a visita à Rússia na atual conjuntura, o professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Fernando Brancoli destacou que o objetivo principal de Bolsonaro com a viagem é demonstrar uma agenda positiva no cenário internacional, considerando que atualmente o presidente brasileiro se encontra isolado no mundo.

Brancoli lembra que nos últimos meses Bolsonaro se indispôs com uma série de lideranças, tanto na Europa quanto nos próprios EUA. Ao mesmo tempo, o ex-presidente Lula (PT) foi recebido com honraria de chefe de Estado na Europa em novembro do ano passado, enquanto Bolsonaro recebia críticas pesadas por sua administração da Amazônia e do aumento das queimadas durante a COP26.

Desta forma, a Rússia aparece com um dos poucos países relevantes no cenário internacional dispostos a receber o mandatário brasileiro.

Objetivos de Putin com Bolsonaro

O professor de Relações Internacionais da Universidade de São Petersburgo, Victor Jeifets, por sua vez, afirma ao **Brasil de Fato** que, diante da tensão diplomática com o Ocidente, para a Rússia também é importante demonstrar que o país não está isolado e cumpre uma intensa agenda de visitas oficiais, lembrando que nas últimas semanas Vladimir Putin se reuniu com líderes da Argentina, Alemanha, França e anteriormente foi recebido por Xi Jinping na abertura das Olimpíadas de Inverno em Pequim.

Durante a declaração conjunta de Putin e Bolsonaro após a reunião bilateral, o líder russo destacou que os dois países possuem uma parceria estratégica importante, com uma ativa interação no âmbito do grupo Brics, G20 e e na ONU.

Segundo Jeifets, o maior objetivo da Rússia é conduzir a interação com o Brasil de tal forma que o presidente Bolsonaro não desestabilize o avanço do grupo Brics como uma plataforma para promover o multilateralismo no mundo.

Data da notícia: **16/02/2022**

Título: **Putin recebe Bolsonaro por protagonismo internacional e cálculo diplomático**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br/>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/16/putin-recebe-bolsonaro-por-protagonismo-internacional-e-calculo-diplomatico>

O presidente Jair Bolsonaro (PL) se reuniu com seu homólogo russo, Vladimir Putin, nesta quarta-feira (16) em visita oficial a Moscou. A viagem foi marcada por controvérsia e pressão dos EUA sobre o Brasil em meio à crise entre a Rússia e o Ocidente em torno da fronteira ucraniana.

A reunião foi centrada em assuntos como a coordenação da política externa em plataformas multilaterais, principalmente na ONU e em seu Conselho de Segurança, no qual o Brasil participa em 2022-2023, bem como no BRICS e no G20.

Bolsonaro declarou que sua visita a Moscou é um sinal para o mundo inteiro de que as relações bilaterais entre Brasil e Rússia têm boas perspectivas. Putin, por sua vez, destacou que o Brasil é o principal parceiro comercial e econômico da Rússia na América Latina e defendeu a candidatura do Brasil a uma vaga permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Risco diplomático?

Os preparativos da viagem foram marcados pela pressão dos Estados Unidos pelo cancelamento da agenda, em uma tentativa de isolar a Rússia diante da crise diplomática em meio à escalada da tensão na Ucrânia.

Ao comentar o possível desgaste diplomático que o Brasil poderia ter com a visita à Rússia na atual conjuntura, o professor de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Fernando Brancoli destacou que o objetivo principal de Bolsonaro com a viagem é demonstrar uma agenda positiva no cenário internacional, considerando que atualmente o presidente brasileiro se encontra isolado no mundo.

Brancoli lembra que nos últimos meses Bolsonaro se indispôs com uma série de lideranças, tanto na Europa quanto nos próprios EUA. Ao mesmo tempo, o ex-presidente Lula (PT) foi recebido com honraria de chefe de Estado na Europa em novembro do ano passado, enquanto Bolsonaro recebia críticas pesadas por sua administração da Amazônia e do aumento das queimadas durante a COP26.

Desta forma, a Rússia aparece com um dos poucos países relevantes no cenário internacional dispostos a receber o mandatário brasileiro.

Objetivos de Putin com Bolsonaro

O professor de Relações Internacionais da Universidade de São Petersburgo, Victor Jeifets, por sua vez, afirma ao **Brasil de Fato** que, diante da tensão diplomática com o Ocidente, para a Rússia também é importante demonstrar que o país não está isolado e cumpre uma intensa agenda de visitas oficiais, lembrando que nas últimas semanas Vladimir Putin se reuniu com líderes da Argentina, Alemanha, França e anteriormente foi recebido por Xi Jinping na abertura das Olimpíadas de Inverno em Pequim.

Durante a declaração conjunta de Putin e Bolsonaro após a reunião bilateral, o líder russo destacou que os dois países possuem uma parceria estratégica importante, com uma ativa interação no âmbito do grupo Brics, G20 e e na ONU.

Segundo Jeifets, o maior objetivo da Rússia é conduzir a interação com o Brasil de tal forma que o presidente Bolsonaro não desestabilize o avanço do grupo Brics como uma plataforma para promover o multilateralismo no mundo.

O especialista em estudos da América Latina da Universidade de São Petersburgo lembra que a Rússia sempre destacou o Brasil como um sério parceiro econômico e geopolítico, mantendo uma intensa relação nos governos petistas, principalmente. O presidente Bolsonaro, no entanto, praticamente não falou da Rússia no primeiro ano de sua presidência e manteve interações restritas a encontros multilaterais.

“O maior objetivo da Rússia é fazer de tal forma que, mesmo que não haja um movimento de avanço do Brics, que o presidente Bolsonaro não desestabilize nada neste sentido, que se chegue tranquilamente nas próximas eleições, não faça movimentos bruscos na direção dos EUA, por exemplo, e que, com o próximo presidente do Brasil, seja quem for, a relação com o Brics possa se desenvolver de outra forma. Neste sentido, a reunião é importante”, argumenta

Data da notícia: **18/02/2022**

Título: **Em 2019, Argentina realizou exercícios militares prevendo invasão da Venezuela**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/18/em-2019-argentina-realizou-exercicios-militares-prevendo-invasao-da-venezuela>

Os governos da Argentina e Venezuela acordaram investigar o Plano Puma: exercícios militares realizados em 2019 que previam a invasão do território venezuelano. Uma investigação jornalística revelou que durante a gestão de Mauricio Macri o exército argentino realizou exercícios prevendo uma guerra contra a Venezuela.

O atual chefe do Estado Maior, general Juan Martín Paleo, teria comandado o operativo militar entre abril e julho de 2019. O Partido Comunista da Argentina exige a destituição do general após a revelação do Plano Puma.

Entre os documentos divulgados encontra-se um mapa da Venezuela com posições militares. O objetivo era treinar um batalhão de ação rápida que estaria à disposição do Comando Sul dos Estados Unidos para invadir a Venezuela, integrando uma força multinacional de ocupação.

Os primeiros exercícios, em abril de 2019, aconteceram 15 dias antes da chamada Operação Liberdade - tentativa de tomada de uma base militar no leste de Caracas, coordenada por Juan Guaidó e seu braço-direito, Leopoldo López.

Macri reconhecia Guaidó como autoridade legítima venezuelana e foi um dos mandatários que promoveram a ativação do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca (TIAR) contra a Venezuela em 2019, alegando que o país seria uma ameaça regional. O TIAR é um mecanismo criado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) para acionar as forças armadas regionais caso ocorra um ataque a algum país membro.

Os ministros de Defesa da Argentina, Jorge Taiana, e da Venezuela, Vladimir Padrino López, reuniram-se para acordar a cooperação entre os dois países na investigação.

"Como membro ativo do Grupo de Lima o governo Macri tinha uma atitude intervencionista em relação à Venezuela", declarou o ministro argentino. Ao assumir a presidência, Alberto Fernández desvinculou a Argentina do grupo, criado para hostilizar o governo venezuelano dentro da OEA.

A Assembleia Nacional venezuelana aprovou um acordo em consenso entre governo e oposição com três pontos: condenar e rechaçar qualquer pretensão de intervenção militar, incentivar investigações para determinar responsabilidades e impor sanções, e fortalecer as leis internas relacionadas à segurança e defesa do território.

Data da notícia: **22/02/2022**

Título: **Itamaraty fala em “solução negociada” para a crise Rússia-Ucrânia**

Fonte pesquisada: <https://operamundi.uol.com.br>

Link da notícia: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/73357/itamaraty-fala-em-solucao-negociada-para-crise-russa-ucrania>

O Ministério das Relações Exteriores do Brasil publicou uma nota nesta terça-feira (22/02) sobre a crise entre Ucrânia e Rússia após o reconhecimento feito pelo

presidente Vladimir Putin das repúblicas separatistas de Donetsk e Lugansk, cidades no território ucraniano.

De acordo com o Itamaraty, o Brasil busca uma "solução negociada" para a situação, afirmando ser necessário que seja levando em "consideração os legítimos interesses de segurança da Rússia e da Ucrânia", junto ao respeito aos "princípios da Carta das Nações Unidas".

"[O Brasil] apela a todas as partes envolvidas para que evitem uma escalada de violência e que estabeleçam, no mais breve prazo, canais de diálogo capazes de encaminhar de forma pacífica a situação no terreno", afirma ainda o Itamaraty.

O restante do comunicado cita a fala do embaixador brasileiro nas Nações Unidas, Ronaldo Costa Filho, durante a reunião de emergência do Conselho de Segurança realizada na madrugada desta terça. Atualmente, o Brasil tem um assento temporário no órgão.

"Nas atuais circunstâncias, nós, neste Conselho, em representação da comunidade internacional, devemos reiterar os apelos à imediata desescalada e nosso firme compromisso de apoiar os esforços políticos e diplomáticos para criar as condições para uma solução pacífica para esta crise", pontuou, disse Costa Filho.

O representante também defendeu a necessidade de que as partes envolvidas respeitem "os compromissos existentes, como os Acordos de Minsk", que foram firmados por russos e ucranianos em 2015.

China pede diálogo para resolução do conflito

A reunião de emergência do Conselho de Segurança da Nações Unidas também contou com a presença do embaixador da China na ONU, Zhang Jun.

O representante pediu que o conflito seja resolvido de forma diplomática e que as diferenças resolvidas com base no respeito mútuo.

O país oriental também esteve em contato com os Estados Unidos. O ministro das Relações Exteriores da China, Wang Yi, em um telefonema com o secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, insistiu em respeitar as legítimas preocupações de segurança

de qualquer país, bem como defender os propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas.

Enquanto Blinken salientou a necessidade de preservar a soberania da Ucrânia, Yi afirmou que "a China apela mais uma vez a todas as partes para que atuem com moderação, reconheçam a importância de aplicar o princípio da segurança indivisível, amenizem a situação e resolvam as diferenças através do diálogo e da negociação".

Data da notícia: **24/02/2022**

Título: **Como o conflito entre Rússia e Ucrânia afeta a economia do Brasil e do mundo**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/24/como-o-conflito-entre-russia-e-ucrania-afeta-a-economia-do-brasil-e-do-mundo>

Nesta quinta-feira (24), a Rússia iniciou uma "operação militar especial" e bombardeou a Ucrânia. O conflito que parece ser localizado na fronteira ucraniana já tem impactos na geopolítica global e, conseqüentemente, na economia brasileira.

De imediato o que pode esperar-se é o aumento do preço dos combustíveis, considerando que a nova política de preços da Petrobras segue as variações do mercado internacional. O valor do barril de petróleo já vinha em alta nas últimas semanas, mas com a invasão da Ucrânia, o preço do barril do Brent subiu cerca de 8% e chegou a US\$ 105 (cerca de R\$ 550) — maior valor desde 2014.

O preço de outros minerais e metais preciosos também subiu, a onça-troy de ouro se aproxima dos US\$ 2 mil.

Por outro lado, as bolsas de valores da Rússia, Europa, Estados Unidos e do Brasil registram quedas acentuadas.

A bolsa de valores de Moscou abriu com queda de 10%, mas em algumas negociações chegou a cair 50%, enquanto a moeda nacional, o rublo, desvalorizou 7% frente ao dólar.

Na Europa, as bolsa de Londres, Frankfurt e Paris caíam entre 2% e 3%. Em Wall Street, a bolsa de Nasdaq abriu com 20% de queda. A bolsa de Tóquio recuou 1,8%, enquanto a de Hong Kong cedeu 3,2%. Enquanto a Ibovespa amanheceu com queda de 1,91%.

Data da notícia: **25/02/2022**

Título: **Paraguai diz que posicionamento conjunto do Mercosul sobre Ucrânia “Ainda está em negociação”**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/25/paraguai-diz-que-posicionamento-conjunto-do-mercossul-sobre-ucrania-ainda-esta-em-negociacao>

O Ministério das Relações Exteriores do Paraguai, responsável pela presidência do Mercosul neste primeiro semestre de 2022, afirmou que “ainda está em fase de negociação” um pronunciamento conjunto seu com Argentina e Uruguai sobre a “crise na Ucrânia”.

Publicada no site oficial da pasta às 19 horas desta sexta-feira (25), a nota nega a informação veiculada mais cedo por uma série de sites brasileiros e alguns estrangeiros de que os três países teriam soltado um posicionamento coletivo em nome do bloco, mas sem a assinatura do Brasil, cujo presidente tem evitado condenar a invasão da Ucrânia por tropas russas.

A informação publicada pela imprensa havia ajudado a impulsionar o noticiário de parte da mídia brasileira sobre o assunto, em mais um capítulo das críticas feitas a Bolsonaro pelo que tem sido considerado por alguns analistas e veículos como uma posição tímida diante do conflito.

O que publicaram os jornais

Segundo a agência de notícias britânica *Reuters* e o jornal *O Estado de S.Paulo*, por exemplo, a primeira nota teria sido postada no próprio site da chancelaria paraguaia e com a anuência dos outros dois países latinos, mas foi retirada da internet horas depois para aguardar a manifestação do Brasil.

Sem citar o Brasil, o ministério disse esta noite que o texto vazado mais cedo se tratava de “uma minuta de comunicado”. Afirmou também que o Paraguai, no exercício da presidência *pro tempore* do Mercosul, “propôs a seus parceiros o estabelecimento de uma posição comum de condenação pela agressão contra o povo ucraniano em flagrante violação do direito internacional”.

Data da notícia: **26/02/2022**

Título: **Como a propriedade privada de terras de estrangeiros afeta a soberania argentina**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/26/como-a-propriedade-privada-de-terras-de-estrangeiros-afeta-a-soberania-argentina>

A 6ª Marcha pela Soberania em direção ao Lago Escondido, na Patagônia argentina, fez voltar à pauta um antigo conflito no território localizado na província de Rio Negro: a apropriação de quase 12 mil hectares pelo milionário britânico John Lewis.

Após atravessar o caminho mais difícil pelas montanhas para chegar ao lago, a expedição de 21 pessoas foi impedida de seguir caminho por seguranças particulares do magnata, mesmo antes de ingressarem no território reconhecido pelo Estado como propriedade privada.

As terras em mãos do britânico incluem campos de golfe, de futebol, uma mansão de 10 mil m², um zoológico e um heliporto, onde Lewis recebe amigos, como o ex-presidente Mauricio Macri.

O empresário, dono da 6ª maior fortuna do Reino Unido segundo a revista Forbes (avaliada em US\$ 4,7 bilhões; algo em torno de R\$ 24,2 bilhões), comprou o território patagônico na década de 1990 e, há pelo menos 15 anos, impede a livre passagem ao Lago Escondido, um direito civil e um bem natural local.

Data da notícia: **26/02/2022**

Título: **“Uma coisa é o Brasil e outra é Bolsonaro”, diz pesquisador sobre posição brasileira na ONU**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/26/uma-coisa-e-o-brasil-e-outra-e-o-bolsonaro-diz-pesquisador-sobre-posicao-brasileira-na-onu>

O Brasil votou a favor da resolução do Conselho de Segurança da ONU que condena a invasão da Rússia contra a Ucrânia. A decisão favorável à resolução foi apoiada pela maioria dos países integrantes (Albânia, Brasil, França, Gabão, Ghana, Irlanda, Quênia, México, Noruega, Reino Unido e Estados Unidos), porém foi barrada pela própria Rússia que possui poder de veto. China, Emirados Árabes e Índia se abstiveram.

A votação no Conselho foi uma primeira sinalização concreta de posicionamento do Brasil em relação ao conflito no Leste europeu. Ronaldo Costa Filho, embaixador do Brasil na ONU, afirmou que o Conselho de Segurança da Organização deve agir rapidamente diante da agressão da Rússia contra a Ucrânia.

Antes da reunião da ONU, o presidente Jair Bolsonaro (PL) e o vice-presidente, Hamilton Mourão (Republicanos), divergiram sobre o papel do país na guerra. Enquanto Mourão condenou a invasão e defendeu um posicionamento de retaliação à Rússia, o presidente da República adotou uma postura neutra.

Para Giorgio Romano Schutte, professor da UFABC (Universidade Federal do ABC) e membro do Observatório da Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil (OPEB), Bolsonaro não tem influenciado na postura do governo brasileiro na condução dos acordos e negociações que envolvem o conflito.

"Uma coisa é o Brasil e outra é o Bolsonaro, porque ele não tem articulação internacional. O posicionamento do Brasil por meio da nota do Itamaraty e do voto na ONU deixa claro que o país quer seguir sendo coerente com a política externa do Brasil e não teve nenhuma interferência de Bolsonaro, porque ele fica de 'blá blá blá' nas redes", avalia.

Na quinta-feira (24), o Ministério das Relações Exteriores do Brasil emitiu uma nota oficial sobre o conflito que pede um cessar fogo, mas com um tom impreciso não condenou o governo de Vladimir Putin.

O discurso e voto do Brasil no Conselho de Segurança na ONU foram razoáveis e as previsões para um possível cessar fogo ainda são imprecisas, avalia Gilberto Maringoni, coordenador do Observatório da Política Externa e da Inserção Internacional do Brasil (OPEB).

"É uma declaração surpreendente para a diplomacia bolsonarista. Ou seja, Costa Filho implicitamente reconhece as razões russas, mas discorda do ataque. Nesse quadro, o voto tem lógica. Precisamos acompanhar os desdobramentos da situação nas próximas semanas, porque indicarão se caminhamos ou não para uma reconfiguração da geopolítica global", afirma.

Data da notícia: **27/02/2022**

Título: **Guerra entre Rússia e Ucrânia pode impactar inflação e PIB no Brasil**

Fonte pesquisada: <https://www.cartacapital.com.br>

Link da notícia: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/guerra-entre-russia-e-ucrania-pode-impactar-inflacao-e-pib-no-brasil/>

Segundo a pesquisa Sondagem da América Latina, divulgada nesta semana pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), as turbulências na Ucrânia devem agravar as incertezas que pairam sobre a economia global nos últimos meses. No Brasil, os impactos deverão ser ainda mais intensos. Uma das razões é a exposição maior aos fluxos financeiros globais que o restante da América Latina, com o dólar subindo e a bolsa caindo mais que na média do continente.

A própria pesquisa, que ouviu 160 especialistas em 15 países, constatou a deterioração do clima econômico. Na média da América Latina, o Índice de Clima Econômico caiu 1,6 ponto entre o quarto trimestre de 2021 e o primeiro trimestre deste ano, de 80,6 para 79 pontos. No Brasil, o indicador recuou 2,8 pontos, de 63,4 para 60,6 pontos, e apresentou a menor pontuação entre os países pesquisados.

Grande parte da queda atual deve-se ao Índice de Situação Atual, um dos componentes do indicador, que reflete o acirramento das tensões internacionais e o encarecimento do petróleo no início de 2022. O outro componente, o Índice de Expectativas, continuou crescendo, tanto no continente como no Brasil, mas a própria FGV adverte que o indicador que projeta o futuro também pode deteriorar-se caso o conflito entre Rússia e Ucrânia se prolongue.

Data da notícia: **28/02/2022**

Título: **Embaixador Brasileiro na ONU contraria Bolsonaro e condena, mais uma vez, invasão à Ucrânia**

Fonte pesquisada: <https://www.brasildefato.com.br>

Link da notícia: <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/28/embaixador-brasileiro-na-onu-contraria-bolsonaro-e-condena-mais-uma-vez-invasao-a-ucrania>

O Brasil condenou mais uma vez o ataque à Ucrânia por parte da Rússia. Em manifestação feita nesta segunda-feira (28) durante sessão extraordinária da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), o embaixador brasileiro, Ronaldo Costa Filho, também chegou a criticar o despacho de armamentos para o país invadido, medida que foi anunciada por nações como Alemanha, França e Holanda.

A posição manifestada por Costa Filho vem após o presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmar, no domingo (27), que o Brasil pretende ficar “neutro” diante do conflito. Na mesma ocasião, o chefe do Executivo havia dito que seria “exagero falar em massacre”.

Ponderações

Na ONU, após falar em “deterioração progressiva da situação de segurança e do balanço de poder na Europa Oriental”, Costa Filho citou o “descrédito das preocupações com a segurança vocalizadas pela Rússia” e disse que isso oportunizou a deflagração da crise.

“Deixe-me ser claro, no entanto: esta situação não justifica o uso da força contra o território de um Estado-membro”, ponderou, na sequência. Ao mencionar a possibilidade de riscos para “toda a humanidade”, o emissário brasileiro também defendeu união de forças dos órgãos vinculados à ONU para que sejam encontradas saídas para a guerra.

Revisão de decisões

Costa Filho convocou “todos os atores envolvidos a reverem suas decisões em relação ao suprimento de armas, ao uso de ataques digitais e à aplicação de sanções seletivas, incluindo a crítica área de segurança alimentar”.

“Precisamos de soluções construtivas, e não de ações que vão prolongar hostilidades e espalhar o conflito, com efeitos na economia e na segurança mundial”, argumentou o embaixador do Brasil.

Primeira manifestação oficial

A primeira manifestação do Estado brasileiro à invasão da Ucrânia por tropas russas foi registrada na última sexta-feira (25), durante votação no Conselho de Segurança da

ONU, mesma ocasião em que Costa Filho pediu uma ação emergencial do órgão diante dos ataques do país bicontinental.

Nesta segunda, o Brasil está entre os 193 Estados-membros do organismo que debatem o conflito em reunião emergencial convocada para discutir o tema. A ideia é que o evento, de longa duração, edite uma resolução sobre a postura da Rússia.

Data da notícia: **28/02/2022**

Título: **No fundo, o Brasil só terá problemas caso contrarie as sanções contra a Rússia**

Fonte pesquisada: <https://www.cartacapital.com.br>

Link da notícia: <https://www.cartacapital.com.br/politica/no-fundo-o-brasil-so-tera-problemas-caso-contrarie-as-sancoes-contra-a-russia/>

A falta de clareza do governo brasileiro em relação ao ataque da Rússia à Ucrânia tem sido criticada por especialistas que acompanham a crise. É o caso de Kai Kenkel, professor e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação Acadêmica

do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio, que vê como equivocada a posição de no conflito e defende que o Brasil se posicione contra a invasão, alinhando-se à maioria dos países ocidentais.

Apesar de votar a favor da condenação dos russos no Conselho de Segurança da ONU, o governo brasileiro evitou assinar declarações da OEA criticando a invasão da Ucrânia e disse não à divulgação de um comunicado do Mercosul contra o ataque. “Entender o porquê de Putin adotar uma certa política e reconhecer o papel do Ocidente na crise é bem diferente de se eximir em condenar a invasão de um país soberano”, defende.

No domingo 27, Bolsonaro disse ter ligado para Putin e reiterou que o Brasil seguirá ‘neutro’ em relação à invasão. “Temos que ter responsabilidade em termos de negócios com a Rússia. O Brasil depende de fertilizantes”, disse.

Embora o país possa ser prejudicado pelas sanções contra a Rússia, pondera, o prejuízo seria maior caso o Brasil agisse em contrariedade a estas determinações. “Se o Brasil não se colocar claramente contra essa violação, pagará um custo na sua relação com os EUA. O mesmo vale para os demais membros da Otan e da União Europeia”

Carta Capital: Qual seria, na sua opinião, o melhor caminho para o Brasil diante desta crise?

Kai Kenkel: O Brasil deveria seguir uma combinação das diretrizes históricas da política externa brasileira e das prioridades de cada governo eleito. No caso da invasão da Ucrânia, parece que esses até se cruzam: condenação por causa da violação da soberania e o atual alinhamento com o Ocidente. Ao se posicionar contra a invasão, o país se alinharia com a grande maioria dos países e com as normas fundamentais do sistema internacional como repúdio à guerra, soberania e inviolabilidade de fronteiras. A opção é clara.